



**LETÍCIA MARCONATO TRECE**

**REFLEXÕES ACERCA DA SUPRESSÃO DOS RITUAIS DE DESPEDIDA  
IMPOSTA PELAS REGRAS SANITÁRIAS DE CONTENÇÃO DA PANDEMIA  
DE COVID-19**

**SÃO LOURENÇO – MG**

**2022**

LETÍCIA MARCONATO TRECE

**REFLEXÕES ACERCA DA SUPRESSÃO DOS RITUAIS DE DESPEDIDA  
IMPOSTA PELAS REGRAS SANITÁRIAS DE CONTENÇÃO DA PANDEMIA  
DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à banca examinadora da  
Faculdade de São Lourenço como requisito  
para a obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia.

Orientadora: Ma. Mariana Carla de Freitas

SÃO LOURENÇO - MG

2022

Letícia Marconato Trece

**REFLEXÕES ACERCA DA SUPRESSÃO DOS RITUAIS DE DESPEDIDA  
IMPOSTA PELAS REGRAS SANITÁRIAS DE CONTENÇÃO DA PANDEMIA  
DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à banca examinadora da  
Faculdade de São Lourenço como requisito  
parcial para a obtenção do título de Bacharel  
em Psicologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Mariana Carla de Freitas

Professora do curso de Psicologia da Faculdade São Lourenço

Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência - Faculdade de  
Medicina/UFMG

Especialista em Dependência Química pela UFSJ

Graduada em Psicologia pela PUC Minas - BH

---

Leandro Ferreira Santos

Professor do curso de Psicologia da Faculdade São Lourenço

Mestre em Educação pela UFMG

Professor convidado

---

Rodolfo Ribeiro Junior

Professor do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço

Mestre em Biotecnologia pela UNINCOR

Professor da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_. São Lourenço, MG.

A todos os familiares que estão enfrentando um luto pela perda de alguém em decorrência da pandemia.

*“De repente você sumiu de todas as vidas que você marcou.” Neil Peart*

## RESUMO

A pandemia da Covid-19 trouxe diversas transformações para a sociedade, inclusive para o processo de terminalidade e morte. Se tratando do contexto pandêmico, as especificações para a prevenção do contágio da doença impediram a presença dos familiares junto as vítimas, bem como os rituais de despedida de ocorrerem em caso de óbito. Dessa forma, os momentos finais de despedida entre os entes queridos foram afetados. Diante deste cenário, o objetivo do presente estudo consiste em compreender as implicações emocionais da supressão de rituais de despedida no processo de elaboração do luto de familiares que perderam entes queridos para a Covid-19. Por meio da revisão bibliográfica, foram selecionados artigos científicos publicados em português e inglês, livros, cartilhas e notícias de jornais disponibilizados online a respeito do tema para compor o estudo.

**Palavras-chave:** COVID-19; rituais de despedida; luto; implicações emocionais.

## **ABSTRACT**

The Covid-19 pandemic has brought several changes to society, including the process of terminality and death. In terms of the pandemic context, the specifications for preventing the spread of the disease obstructed the presence of family members with the victims, as well as the farewell rituals from taking place in case of death. Consequently, the final moments between loved ones were affected. Given this scenario, the present study's objective is to understand the emotional implications of the suppression of farewell rituals in the mourning process of family members who lost loved ones to Covid-19. Through bibliographic review, scientific articles published in Portuguese and in English, books, booklets, and news from newspapers available online about the subject were selected to compose the study.

**Keywords:** COVID-19; farewell rituals; grief; emotional implications.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CID-11	Classificação Internacional de Doenças (11ª revisão)
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª edição)
OMS	Organização Mundial da Saúde



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. O PROCESSO DE LUTO .....	12
3. RITUAIS DE DESPEDIDA E O PROCESSO DE LUTO.....	15
4. O CONTEXTO DA PANDEMIA E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE LUTO .....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	28

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo vem passando por uma pandemia causada pelo surgimento de um novo coronavírus no final do ano de 2019, responsável por causar ao ser humano uma doença totalmente desconhecida e contagiosa. A doença da COVID-19 causada pelo novo coronavírus, nomeado como SARS-CoV-2, foi inicialmente identificada na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019 (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). Devido ao rápido aumento do número de casos e mortes em decorrência da doença, não somente na China como em vários países do mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a caracterizá-la como uma pandemia em 11 de março de 2020 (Organização Mundial da Saúde, 2020).

Por ser uma doença contagiosa e mortal, foi necessário adotar medidas de prevenção à transmissão do vírus, tais como o uso de máscaras em locais públicos, higienização frequente das mãos, distanciamento físico e esquiva de locais com aglomeração de pessoas. (Organização Mundial da Saúde, 2020).

Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 trouxe implicações em diversas áreas da vida do indivíduo na tentativa de se impedir o contágio. De um modo geral, é possível localizar a mudança abrupta no modo de lidar com os rituais de despedida das pessoas falecidas (sepultamento e velório), sendo que, os protocolos sanitários restringiam o número de pessoas presentes, o tempo de duração, e, caso o falecido fosse vítima da pandemia, o caixão não poderia ficar aberto e com visibilidade a pessoa dentro dele.

Dessa forma, ao considerar o contexto exposto, o objetivo do presente trabalho é compreender as implicações emocionais da supressão de rituais de despedida no processo de elaboração do luto de familiares, devido ao alto número de pessoas enlutadas em decorrência dos 686 mil mortos por COVID-19 no país (G1, 2022). A hipótese que demarca esse trabalho é que o processo de luto teve impactos significativos diante de tantas restrições. O que esse trabalho pretende investigar é de que modo a literatura apresenta as vivências na elaboração do processo de luto daqueles que tiveram que se submeter aos protocolos sanitários necessários na contenção da pandemia do coronavírus.

A abordagem metodológica escolhida para desenvolver o presente artigo foi a revisão bibliográfica narrativa. Este tipo de pesquisa é caracterizado por Souza, Oliveira & Alves (2021) como o levantamento ou revisão de obras já publicadas sobre o tema que norteia a pesquisa e que irá direcionar o trabalho científico. Assim, o pesquisador conhece e analisa o tema através de artigos científicos, livros, teses, dissertações, revistas entre outros tipos de fontes que podem basear o seu trabalho.

Os conceitos que sustentam a hipótese central deste trabalho estão associados a noção de luto e as contribuições que os rituais de despedida propiciam aos enlutados. Estas noções serão discutidas ao longo do texto a seguir da seguinte maneira:

O primeiro subtítulo, *O Processo de Luto*, abordou a definição e a compreensão acerca do processo de luto. Para tanto, foram apresentados alguns modelos referenciais utilizados de modo significativo na literatura: as 5 fases do luto por Elisabeth Kübler-Ross (1996) e o modelo do Processo Dual do Luto por Margaret Stroebe (2016) e Henk Schut (2016).

No segundo subtítulo, *Rituais de Despedida e o Processo de Luto*, foi discutido o modo como a sociedade faz uso dos rituais para marcar as mudanças significativas, tais como: formaturas, batizados, velórios, bem como a função desses rituais e o que implicam no processo de luto. Sendo possível perceber a necessidade dos rituais no processo de elaboração social e emocional dos indivíduos.

No terceiro subtítulo, *O contexto da pandemia e as implicações no processo de luto*, discute-se as mudanças envolvendo o processo dos rituais de despedida que foram necessárias em vista do contexto pandêmico e como foram realizados os rituais a partir de tais mudanças. Também foi trabalhado os rituais alternativos que surgiram em vista de amenizar a suspensão dos rituais tradicionais e como o processo de luto dos familiares foi afetado em detrimento da complexidade do contexto pandêmico e conseqüente supressão dos rituais de despedida.

## 2. O PROCESSO DE LUTO

O luto é definido como uma reação considerada normal e esperada em resposta a uma perda sofrida que pode ser tanto de uma pessoa como de um objeto considerado essencial para o indivíduo (Parkes, 1998 apud Santos; Yamamoto; Custódio, 2017). Tal reação presente no processo é explicado por Rangé et. al. (2011) dentro de um quadro de sinais e sintomas tidos como emocionais, comportamentais, cognitivos e somáticos que vão representar o descontentamento em relação a ruptura do vínculo existente em decorrência da perda. Dito de outro modo, o luto corresponde as reações que surgem em diferentes aspectos a partir de um rompimento do vínculo.

De acordo com Franco (2008 apud Santos; Yamamoto; Custódio, 2017), o luto é visto como um processo único, vivenciado de modo singular por cada indivíduo. Sendo importante levar em consideração, como Ramos (2016) acrescenta, que aspectos culturais, religiosos e o modo como ocorre a perda do vínculo influenciam diretamente na maneira como o processo será enfrentado.

Apesar de ser uma reação normal a uma perda, o uso do termo luto é geralmente usado para se referir a perda de uma pessoa, em especial uma pessoa de grande proximidade afetiva (Bromberg, 1996 apud Santos; Yamamoto; Custódio, 2017). No entanto, Ramos (2016) acrescenta que o luto pode também ocorrer em outras situações caracterizadas pela situação de perda. Para a autora, o luto não é um processo exclusivo às situações de perda por morte, mas, também se faz presente em términos de relacionamentos, perda de um emprego, mudança de cidade/país, entre outras.

Alguns autores determinaram modelos na tentativa de explicar o processo de luto vivenciado pelas pessoas após uma perda significativa. Elisabeth Kübler-Ross (1996) definiu cinco fases, que podem ser utilizadas como base para o entendimento da vivência do luto, a partir de um estudo com pacientes em estado terminal reagindo a sua própria finitude, sendo elas: Negação, Raiva, Barganha, Depressão e Aceitação.

No estágio da Negação, a confrontação da situação real é recusada, servindo como um mecanismo de defesa a fim de aliviar o impacto da notícia. Geralmente aparece num discurso interpretativo de um equívoco em relação a situação de perda (Basso, Weiner, 2011).

O segundo estágio, nomeado de Raiva, é caracterizado pela expressão de revolta e ódio. É comum neste estágio a procura de culpados, assim como alguns questionamentos sobre o porquê de a situação estar ocorrendo com a pessoa enlutada (Basso, Weiner, 2011).

Já no estágio da Barganha, ocorre a tentativa de negociar, geralmente com Deus, profissionais da saúde ou outras figuras que o enlutado acredita ter alguma influência sobre o ocorrido, a fim de reverter a situação de perda e aliviar o sofrimento (Basso, Weiner, 2011).

A depressão, quarto estágio, é dividida em dois tipos: a reativa e a preparatória. Na primeira ocorre outras perdas que são advindas da perda por morte, como uma perda financeira ou a perda de papéis do âmbito familiar. Na depressão preparatória a aceitação do ocorrido está mais próxima. Neste momento, o enlutado tende a não se expressar muito através de palavras, além de repensar e processar o que experienciou em vida e suas decisões tomadas durante esta. (Basso, Weiner, 2011).

Por fim, o último estágio do processo de luto é o de Aceitação. Nessa fase as pessoas se encontram mais tranquilas em relação à morte e conseguem expressar de forma mais clara seus sentimentos, frustrações e dificuldades relacionados a perda sofrida (Basso, Weiner, 2011).

Ao debruçar sobre a compreensão dos estágios é fundamental pontuar que as fases indicadas para entender o processo do luto têm finalidade apenas educacional, assim como também pode ocorrer de alguns enlutados não vivenciarem todos os estágios. Além disso, o processo não é vivido de modo linear, visto que as fases não possuem uma sequência estática (Rangé et. al, 2011., Basso, Weiner, 2011).

Em decorrência das limitações descritivas do modelo anterior, outro tem sido usado na compreensão do luto. O modelo do Processo Dual do Luto, desenvolvido por Stroebe & Schut em 1999, possibilita melhor compreensão da dinâmica das vivências no processo de elaboração. Tal modelo tenta explicar como é lidar com a perda além do nível emocional envolvido no processo trazido pelas 5 fases de Kübler-Ross, adicionando também o que o enlutado enfrenta para seguir sua vida sem a pessoa perdida – oscilando entre ambos os pontos.

À vista disso, o modelo consiste na integração de duas fontes de estresse, advindas da perda, que são nomeadas de orientação para perda e orientação para restauração. Além das duas fontes de estresse, o modelo ainda consta com mais um componente: a oscilação, um processo que ajuda o indivíduo a se regular emocionalmente. Para se chegar ao enfrentamento do luto, o indivíduo precisa oscilar entre os dois polos – orientação para a perda e orientação para a restauração. (Stroebe & Schut, 2016).

De acordo com os criadores do modelo, Stroebe & Schut (2016), na orientação para a perda a pessoa enlutada lida com as questões direcionadas a perda em si, como o processo de confrontação com a realidade do vínculo perdido, tentativa de aceitar a perda sofrida, lembrar da pessoa falecida e visitar o local do sepultamento. Assim, é trabalhado o entendimento de que se deve enfrentar a perda para se adaptar a ela e seguir em frente.

Como em Worden (2013), é importante que o enlutado consiga agir de forma ativa dentro do processo de vivência da perda, mesmo sendo um momento muito difícil para tal tarefa, a fim de se adaptar a ela. Tal compreensão corrobora diretamente com o componente de orientação para restauração presente no modelo do Processo Dual do Luto.

Em tal componente, o enfoque se dá sobre os estressores secundários advindos da perda sofrida e em como ela impacta a vida do indivíduo. Por isso, são incluídas as reorientações em um mundo que foi modificado em vista da perda de uma pessoa, como precisar trabalhar para ganhar a renda perdida, se o falecido era quem provinha toda a renda da família, retomar a rotina diária sem a presença física da pessoa, fazer atividades para se distrair da dor, entre outras. Em outras palavras, o indivíduo busca reestruturar a sua vida sem a presença da pessoa perdida. (Stroebe & Schut, 2016).

Por fim, de acordo com Stroebe & Schut (2016), a oscilação indica que a pessoa enlutada em alguns momentos tem que confrontar aspectos da perda (orientação para a perda), enquanto em outros momentos ela terá que evitá-los, a fim de lidar com as tarefas de restauração (orientação para restauração). Em alguns momentos, tais tarefas também devem ser evitadas, sendo necessário ter um tempo livre, pois é exaustivo ter que lidar com o processo a todo momento.

Assim, é importante realizar atividades não relacionadas ao processo de luto, bem como ter momentos de relaxamento e descanso.

Em sua última atualização, no ano de 2016, foi acrescentado ao modelo em discussão mais um componente: a sobrecarga. Neste conceito, a pessoa enlutada pode encontrar mais estressores em ambos os componentes do modelo do que elas sentem que são capazes de lidar, levando-a a experimentar uma situação de conflito entre lidar com todos os estressores, além de se sentir preocupada, desgastada, angustiada e ansiosa. Uma sugestão apontada, pelos autores do modelo, para lidar com a sobrecarga é o enlutado ser direto e honesto a respeito de suas necessidades, educando os outros em como apoiá-los e em como ajudá-los a lidar com este fator. (Stroebe & Schut, 2016).

Também é importante salientar que no processo de luto algumas pessoas enlutadas vivenciam o luto de forma mais intensa e duradoura do que a descrita na literatura como adaptativa – período de seis meses a dois anos, ficando estagnadas em sua dor e impossibilitadas de elaborar o processo (Ramos, 2016; Oliveira, 2012).

Quando ocorrem complicações no processo normal do luto, devido a fatores históricos, contextuais, sociais e de personalidade do indivíduo, que impedem a sua resolução, passa-se a denominar de *luto complicado*. Para que a resolução ocorra sem empecilhos, é necessário que o indivíduo aceite a realidade e tenha mecanismos adaptativos com o objetivo de reajustar a sua vida após a perda. Dessa forma, não existe o fim do luto, mas o fim do processo de elaboração, momento que pode ser percebido quando o enlutado consegue dar continuidade em sua vida, conseguindo fazer planos sem a pessoa perdida e pensando de forma menos dolorosa nela (Santos; Yamamoto; Custódio, 2017).

### **3. RITUAIS DE DESPEDIDA E O PROCESSO DE LUTO**

Segundo Gennep (2011), a sociedade tem o hábito de simbolizar marcos de transição durante a vida – como nascimento, noivado, casamento, entre outros - através de rituais de cerimônia. Assim, de acordo com o autor, “a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, a saber: nascimento, puberdade, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de

ocupação e morte” (p. 24). Em cada etapa de vida se encontram cerimônias que são realizadas para auxiliar o indivíduo a atravessar de uma situação determinada para a outra, o que o autor nomeia como ritos de passagem.

Apesar de tais cerimônias se assemelharem, por possuírem o mesmo objetivo, os indivíduos se modificam ao atravessarem a fronteira de cada etapa, já que precisam enfrentar certos desafios para atingir o estágio seguinte. À vista disso, o processo de ritualização auxilia no processo de elaboração das perdas associadas a tais transições, como também na organização e reorganização diante das mudanças que se sucedem (Souza e Souza, 2019).

Assim, como Kóvacs et. al (2014) pontuam, os rituais são fundamentais para dar sentido e significado a situações de crise. Portanto, em situações mais difíceis, como a morte de uma pessoa próxima, os rituais de despedida (velório e enterro) assumem uma perspectiva considerável para facilitar a passagem pelos sentimentos negativos advindos da perda (Crepaldi et. al, 2020). Independente do contexto, da cultura e grupo social que o indivíduo está inserido, a finitude da vida é marcada por algum tipo de ritual de despedida. No entanto, o modo como os rituais são realizados irá variar de acordo com normas culturais de cada grupo social (Oliveira et al., 2020).

Dessa forma, apesar de serem parcialmente padronizados, existem rituais, normas e formas de expressão do luto decorrentes das diferentes percepções de vida e morte que a cultura comunitária estabelece. Apesar dos rituais serem compreendidos de formas diferentes, todos os povos têm o costume de ritualizar seus mortos, pois o mais importante é o significado que possuem (Oliveira et al., 2020; Nascimento et. al., 2020; Giamatthey et. al., 2021).

Apesar da morte ser um fenômeno que ocorre com todos os seres humanos, o fim do processo da vida não é enfrentado com tanta naturalidade pela sociedade. A morte ocupa um lugar de exclusão, tornando-se um assunto não discutido pelas pessoas, ou então, quando é comentado, utilizam-se de eufemismos para amenizar o seu real sentido. (Giamatthey et. al., 2021).

A morte, entretanto, nem sempre foi vista como um tabu. De acordo com Ariès (1981, apud Menezes & Gomes, 2011), as atitudes perante o processo do morrer e da morte sofreram divergências desde a Alta Idade Média até a modernidade. No período da Idade Média, século V ao X, o fim da vida era visto



como algo natural e familiar que em dado momento iria ocorrer a todos, devido a ordem da natureza na qual o homem se insere. Dessa forma, apesar de ainda ser uma experiência difícil, a morte era aceita e seus ritos eram cumpridos sem uma expressão exagerada de sentimentos. Tais ritos eram públicos e organizados pelo próprio moribundo, pois este conseguia se preparar antecipadamente para o momento.

Entre os séculos XI e XIV, a visão da morte tomou outra forma ao ser marcada pelo reconhecimento do indivíduo em relação a sua própria finitude. É nesse período que se constituiu as bases para a modernidade, visto que o homem passa a conviver com o pensamento da morte de si mesmo, com uma conotação mais individualista, e o sentimento relacionado a esta traduziria o apego às coisas da vida. Posteriormente, do século XIX ao XX, a morte começa a ser excluída do âmbito social por ser vista como abominável e envolta de reações dramáticas. Assim, na metade do século XX, tal processo passa a ser visto como um tabu, sendo afastado do cotidiano. A morte, então, é vista como: “invertida, escamoteada, oculta, vergonhosa e suja” (Ariès, 1981, p. 309 apud Menezes & Gomes, 2011).

Nesse contexto, no qual a morte é transformada em objeto de interdição e vista como vergonhosa, o historiador Àries (2012) denomina esta modalidade de finitude como “morte interdita” e pontua o deslocamento do local em que se morre como um fenômeno material importante para a ocultação e negação do fim da vida. Não se morre mais em casa junto de seus familiares e pessoas próximas, mas “sozinho” em hospitais – salvo os profissionais de saúde e, talvez, alguns familiares. A morte, então, deixa de ser pública e se reduz a um momento técnico e discreto. Dessa forma, por ter se distanciado do mundo familiar do dia-a-dia e não ser vista de perto com frequência, a morte se torna esquecida pelo homem.

O mesmo autor, Àries (2012), também aponta como uma causalidade da “morte interdita”

a necessidade da felicidade, o dever moral e a obrigação social de contribuir para a felicidade coletiva, evitando toda causa de tristeza ou de aborrecimento, mantendo um ar de estar sempre feliz, mesmo se estamos no fundo da depressão. Demonstrando algum sinal de tristeza, peca-se contra a felicidade, que é posta em questão, e a

sociedade arrisca-se, então, a perder sua razão de ser. (ÀRIES, 2012, p. 90).

Kübler-Ross, pioneira do movimento de introdução da morte em debate social, também estabelece, em sua obra *Sobre a Morte e o Morrer (1996)*, a transferência da morte domiciliária para o meio hospitalar como uma das causas da negação da morte na sociedade atual. Segundo a autora, no passado, quando a morte ocorria no contexto domiciliar junto da família, no qual até as crianças participavam da conversa, das discussões e dos temores envolvidos, a aceitação de tal acontecimento inexorável era facilitada. Assim como a aceitação da perda de uma pessoa amada, visto que o contexto favorecia a satisfação das necessidades emocionais do moribundo. Dessa forma, o cuidado com o ser humano no final da vida era diferenciado, apesar da falta de preparos técnicos, por abordar cuidados envolvidos no aspecto emocional, como acompanhamento espiritual, a presença da família e consideração pelos últimos desejos do enfermo.

Para a autora, “quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte.” (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 19). Tal fato ocorre por várias razões, sendo uma das mais importantes, apontada pela autora, por ser um ato de solidão, envolto por máquinas e profissionais da saúde totalmente voltados para somente tratar ou tentar amenizar a doença. Assim, torna-se também um ato desumanizado. Kübler-Ross não se opõe as novas tecnologias dos serviços de saúde, mas critica a falta de humanização nos cuidados com o paciente nas unidades hospitalares. A pessoa doente hospitalizada é tratada como alguém sem o direito de opinar, mesmo sentindo e reagindo à doença e à proximidade da morte.

Ainda no mesmo contexto, Kübler-Ross (1996) também critica a forma como os profissionais de saúde se concentram nas técnicas e máquinas para tentar salvar a vida do enfermo, mas se esquecem do ser humano que há nele. Assim, levanta o questionamento se tais comportamentos seriam uma tentativa desesperada de rejeitar a morte iminente do outro e, ainda, de forma indireta, rejeitar a sua própria mortalidade lembrada pelo paciente moribundo sob seus cuidados.

Sendo a morte um acontecimento de difícil aceitação, uma forma de lidar com essa dura realidade, segundo Souza e Souza (2019), é através da simbologia dos rituais. Tal acontecimento se torna mais fácil de ser entendido e trabalhado a partir dos símbolos que as cerimônias oferecem para auxiliar os enlutados na passagem dessa dolorosa e difícil fase.

Assim sendo, através dos rituais de despedida fica explícita a realidade que, de fato, uma perda ocorreu. Além da perda ser reconhecida, também se torna possível identificar a importância do morto, a mudança no papel que o falecido ocupava na vida do enlutado e a transição para a última fase do ciclo da vida. Portanto, todas as realizações do culto ao morto atuam dando enfoque e apontando como esperado a perda por morte ocorrer em algum momento (Souza e Souza, 2019).

Ainda de acordo com Souza e Souza (2019), em decorrência da confrontação da perda, por intermédio dos rituais, ocorre a morte social do ente querido. Os autores pontuam que a morte é reconhecida socialmente, pois os rituais ultrapassam o momento real em que a morte ocorreu a trazendo para o momento atual vivenciado pelos participantes do ritual. Neste contexto, o ritual indica que a sequência de atividades humanas foi concluída e a sociedade toma conhecimento do término das relações sociais (Menezes e Gomes, 2011).

Dessa forma, se dá início ao processo de luto necessário de ser vivido, que pode ser expresso juntamente de outros membros de seu grupo social de acordo com os valores de sua cultura. Franqueira et al. (2019) pontua que os rituais fúnebres demarcam o estado de enlutamento de maneira pública – principalmente quando se trata de rituais como velório e enterro –, além de solidificarem os laços de solidariedade com o grupo pertencente. Através da manifestação pública da dor, as pessoas enlutadas não se sentem isoladas por receberem acolhimento de sua rede de apoio, e são dadas a possibilidade de construir algum significado à perda sofrida. Logo, os rituais tornam-se significativos por possibilitarem o compartilhamento público e atenuação dos sentimentos decorrentes da perda - como culpa, tristeza e impotência-, além de propiciar uma oportunidade de aprendizado, de afeto e de vivência de um momento singular.

Outra função exercida pelos rituais, segundo Souza e Souza (2019), é ajudar na elaboração das mudanças suscitadas pela perda, reintegrando os enlutados em seu cotidiano social sem a presença física do morto. Conforme Herouet (2013 apud Souza & Souza, 2019), o ritual é especialmente benéfico para os que assistem, apesar de ser caracterizado como uma homenagem ao morto. Através do mesmo, é criado para os vivos um momento de comunhão, de estar junto do seu grupo pertencente, de compaixão e renovação, além de marcar o início do luto necessário de ser vivido e reintegrar o morto em outro lugar - o da memória. Assim, os rituais são apontados por Nascimento et. al. (2020) como reconfortantes e tranquilizadores para seus participantes, além de auxiliar na aceitação da perda, na recuperação da família e na redefinição de vínculos a partir da ausência do falecido.

Apesar do caráter simbólico de reconhecimento da perda e de ajudar a simbolizar a morte do ente querido, os rituais de despedida só possuem tais funções se seus participantes se identificarem com os rituais e com o grupo que participa destes. É necessário haver um envolvimento, uma adesão mental de quem participa. Do contrário, a prática do ritual perde o sentido para o grupo como um todo ou para alguns participantes, podendo até mesmo perturbá-los ao invés de confortá-los (Souza & Souza, 2019).

#### **4. O CONTEXTO DA PANDEMIA E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE LUTO**

A pandemia é caracterizada como a disseminação de uma nova doença por diferentes continentes sendo transmitida de pessoa para pessoa (Fiocruz, 2021). Diferente de situações de tragédias e desastres, nas quais mortes em massa também ocorrem, a pandemia do coronavírus impõe a necessidade de que rituais funerários, como velórios e enterros sejam suprimidos. Caso ocorram, estes sofrem algumas alterações devido as restrições necessárias. Tal fato se justifica pelo aumento das chances de contágio à doença ao reunir pessoas, sobretudo por considerar a ocorrência de proximidade física, apertos de mãos e abraços nessas situações (Crepaldi et. al, 2020). Além da transmissão do vírus poder durar até 72h após a morte do infectado (Giamatthey et. al, 2021).

Assim, diante do cenário pandêmico da COVID-19, a realização dos rituais fúnebres mudou drasticamente. Segundo o Ministério da Saúde (2020), durante os períodos de isolamento social, foi recomendado que os velórios e funerais de pacientes confirmados ou suspeitos da doença fossem suspensos por tempo indeterminado para disseminar a propagação do vírus. Caso fossem realizados, o velório deveria seguir algumas normas indicadas pela OMS: ser realizado em local aberto, ventilado e com o caixão lacrado para se evitar o contato com o corpo. Além de ter o tempo de duração reduzido.

Ainda sobre as restrições, a aglomeração de pessoas também deveria ser evitada - no máximo 10 indivíduos-, respeitando a distância mínima de dois metros entre os presentes. Além disso, todos deveriam fazer o uso da máscara de proteção facial. Pessoas que pertencem ao grupo de risco deveriam evitar comparecer, assim como as com sintomas respiratórios. Ademais, alimentos e compartilhamentos de copos foram proibidos e deveriam ser disponibilizados água, sabão, papel toalha e álcool em gel 70% para higienização das mãos. Após o velório, as vítimas da COVID-19 poderiam ser enterradas ou cremadas (Ministério da Saúde, 2020).

Até o presente momento, em outubro de 2022, foram registradas 686 mil mortes por Covid, em 34,7 milhões de casos conhecidos, desde o início da pandemia no Brasil (G1, 2022). Dessa forma, em decorrência do aumento do número de mortes, os Serviços Funerários também foram impactados. Na capital paulista, cidade com o maior número de mortos do país, alguns cemitérios tiveram que estender o horário dos sepultamentos, sendo realizados também durante a noite. Também foi necessário aumentar a frota de veículos para o transporte de corpos, além do reforço nas contratações de sepultadores e abertura de novas valas nos cemitérios para dar conta da alta demanda (G1, 2021).

Apesar desse cenário não ser novo, pois a realização de rituais funerários também foi restrita em outras pandemias e epidemias, como a de influenza H1N1 (2009) e a de Ebola (2014), as práticas culturais e religiosas socialmente prescritas para a despedida do falecido são dificultadas. As mudanças que se fizeram necessárias para evitar a propagação do vírus tornaram o processo de luto para os familiares ainda mais desafiador, especialmente se estes

considerarem que o ente querido não recebeu o ritual funerário que merecia, ou por não terem tido o conforto das pessoas próximas nesse momento. Assim, pode ser provocado nos familiares sobreviventes a sensação de negligência e tratamento desumano no final da vida, aumentando o risco para problemas de saúde mental após a crise (Crepaldi et. al, 2020).

Entretanto, nota-se uma particularidade no contexto da COVID-19, já que profissionais da saúde e estudiosos da finitude humana buscaram outras alternativas dos rituais de despedida ocorrerem mesmo em situações de isolamento social, proporcionando mais afeto diante desse doloroso momento e ajudando o enlutado a se estabelecer minimamente frente à desorganização que se encontra a partir da perda sofrida. Além disso, os rituais alternativos demonstram o quanto a pandemia mudou a forma de realizar as cerimônias, trazendo outras formas de execução dos rituais como ressignificação, sem diminuir a importância das cerimônias originais (Nascimento et. al, 2020).

Com a ausência dos rituais fúnebres presenciais, o meio virtual se tornou uma possibilidade para se despedir dos falecidos no período da ocorrência da COVID-19. Assim, as cerimônias fúnebres realizadas de forma online são identificadas como uma opção válida para concretizar a etapa de despedida, sendo apontadas como possíveis amenizadoras de sentimentos conflituosos, contribuindo de maneira saudável aos participantes por ajudá-los a se confrontar com a perda e permitir a entrada no processo de luto. Assim como também se torna possível que manifestem e compartilhem seu sofrimento. Dessa forma, apesar de serem realizados de forma online, os rituais alternativos conseguem compensar minimamente as homenagens realizadas aos mortos e torna-se possível, pelo menos em partes, ter a sensação de compartilhamento e união entre os participantes (Giamatthey et. al, 2021).

Outras formas de despedida no contexto de isolamento social são apontadas na cartilha da Fundação Oswaldo Cruz, *Processo de Luto no Contexto da COVID-19* (2020), como estratégias de suporte e apoio emocional no processo de luto. Dentre as possibilidades estão: criar um memorial em casa - como passar um tempo olhando as fotografias do falecido, acender uma vela, seguir um ritual cultural ou espiritual; organizar um livro de visitas online para que amigos e familiares possam deixar mensagens ao ente perdido; e

desenvolver rituais fúnebres alternativos, realizados de forma virtual, como cultos, missas, homenagens musicais e fotográficas que podem auxiliar no processo de despedida, em especial no caso de mortes súbitas. Entretanto, o meio virtual nem sempre é acessível a todos e é encontrada uma lacuna na literatura a respeito de como as pessoas que não possuem acesso à internet ou a dispositivos *smartphones* e computadores vivenciaram os rituais fúnebres em meio a pandemia. Como também de indivíduos que possuem dificuldade no uso de tais equipamentos, o que pode ser o caso de alguns idosos no Brasil (Crepaldi et. al, 2020).

Assim, a partir das mudanças que se fizeram necessárias para impedir a propagação do vírus e o colapso do sistema de saúde, a literatura aponta que o processo de luto foi afetado de diferentes formas, além da supressão dos rituais de despedida. Primeiramente, o sentimento de ambiguidade se fez presente nos integrantes de muitas famílias, já que a realidade de não poder ver o cadáver ou identificar o corpo, assim como a percepção de não ter visto a pessoa antes ou após a morte torna a racionalização da perda difícil de ocorrer (Hernandez-Fernández e Meneses-Falcón, 2021).

Dessa forma, o contexto faz aflorar a descrença de que o ente querido de fato morreu. Além da ambiguidade da perda, temos outros fatores de risco, como falta de apoio social, as circunstâncias da morte e possibilidade de múltiplas perdas sequenciais. Por conseguinte, entende-se que as mortes ocorridas no período de pandemia, especialmente durante o isolamento social, foram mais propensas a desenvolver um luto que evolui de forma complicada (Hernandez-Fernández e Meneses-Falcón, 2021).

Segundo Giamattey et. al (2020) e Crepaldi et. al (2020), como o agravamento dos quadros dos pacientes ocorre de forma rápida, com a possibilidade de o paciente vir a óbito poucos dias depois de adentrar o hospital, antes mesmo da família processar a iminência da perda, a vivência do luto antecipatório é afetada. Esse tipo de luto é definido como uma resposta normal que ocorre com o paciente e seus familiares diante de um diagnóstico terminal, favorecendo o preparo emocional para uma perda futura (Giamattey et. al (2020). Segundo Fulton e Gotterman (1980) apud Santos; Yamamoto; Custódio (2017, p.8), neste tipo de luto é vivenciado diversos sentimentos e reações na tentativa

de enfrentar a perda antecipada como “choque, negação, sentimentos de desvalor, preocupação com o passado, ansiedade pela separação, sintomas somáticos, culpa, esperança e aceitação”.

Dessa forma, no contexto exemplificado, o luto antecipatório não tem a chance de ser vivido. Entretanto, a conjuntura complexa da pandemia contribuiu para a configuração de um luto antecipatório amplificado, vivenciado a partir das informações veiculadas na mídia e em redes sociais sobre os mapas globais de contágio e número de mortos, contribuindo com a sensação de que o vírus estava se aproximando e aumentando o sofrimento por antecipação como consequência (Giamattey et. al, 2020).

Outro aspecto que interfere no processo de luto é a ocorrência de adoecimento e óbito de diferentes pessoas em uma mesma família, o que dificulta os processos de despedida e a forma de se adaptar às perdas sofridas por adicionar ainda mais estressores ao processo do luto. Nesses casos, as repercussões negativas podem ser potencializadas dependendo da fase do ciclo de vida e das funções desempenhadas pelo falecido no núcleo familiar (Crepaldi et. al, 2020).

Finalmente, temos a supressão dos rituais de despedida como outro fator que impacta o processo de luto no contexto pandêmico. A ausência do ritual funerário condizente com as práticas culturais e religiosas de cada grupo promove a perda ambígua, quando o falecido não se encontra fisicamente presente, mas sua presença psicológica continua. Esse tipo de perda é repleto de incertezas e tendem a congelar ou dificultar o processo de luto (Hernandez-Fernández e Meneses-Falcón, 2021).

Sabendo que os rituais fúnebres são significativos para o ajuste afetivo dos que sofrem com a perda de um ente querido, além de os confortarem com o planejamento e participação do funeral, a impossibilidade de realizar tais rituais de forma adequada para os entes perdidos pode impossibilitar que os enlutados se conscientizem a respeito da realidade da perda e de entendê-la. Como também se torna extinto o apoio social tão importante nesse momento (Gesi et al, 2020).

Apesar de estratégias alternativas terem sido adotadas para que os familiares pudessem ter algum tipo de contato com os pacientes internados,



através de chamadas telefônicas, gravação de áudios, elaboração de cartas e validação de fotos, quando disponíveis recursos como smartphones ou computadores, ainda havia pouca oportunidade para a comunicação não verbal nesses casos. Além de que a comunicação verbal também pode ter sido prejudicada, principalmente quando o paciente na iminência da morte está entubado ou sedado (Crepaldi et. al, 2020). Sendo assim, embora tenham sido utilizados recursos online para facilitar o contato ou despedidas entre o enfermo e seus familiares, ou até mesmo a ocorrência de raras despedidas em hospitais, e estes tenham trazido certo alívio para os enlutados, ainda faltavam elementos de uma despedida digna e completa com contato físico, apoio social e um local adequado (Hernandez-Fernández e Meneses-Falcón, 2021).

Assim sendo, Albuquerque; Teixeira & Rocha (2021) pontuam que quando os enlutados compartilham sua dor com outras pessoas também enlutadas e têm um lugar de memorialização, a expressão da emoção e a criação de significado para as pessoas enlutadas podem ser promovidas. Portanto, os enlutados da COVID-19 podem achar a falta ou a natureza minimalista dos rituais funerários dolorosa. Os autores também apontam outros pontos desafiadores presentes no contexto, como a percepção de que seu familiar não recebeu o ritual funerário que merecia, não poder dizer adeus e não poder visitar o túmulo depois.

Além disso, a literatura aponta que os familiares que não conseguiram se despedir de seus entes queridos devido a COVID-19, sofreram impactos na saúde psicológica, através de “humor depressivo, transtorno de estresse pós-traumático, preocupação exagerada, angústia, dificuldade em aceitar a morte e desinteresse pela vida” (Estrela et. al, 2020, p.6). Também foi previsto um aumento nos transtornos mentais associados ao luto e muitos antecipam aumento no Transtorno do Luto Prolongado (Stroebe e Schut, 2021).

O luto prolongado passou a ser reconhecido e considerado como um transtorno psiquiátrico nas novas versões do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-11). O DSM-5 (2014) introduz o “Transtorno do Luto Complexo Persistente”, na seção “Condições para Estudos Posteriores”, caracterizado por um luto persistente e severo, com sintomas experienciados em grau clinicamente significativo durante a maioria dos dias persistindo por pelo menos 12 meses em

adultos e 6 meses em crianças. Já o CID-11 apresenta o diagnóstico de Transtorno do Luto Prolongado, definido por um desejo ou preocupação persistente e penetrante pelo falecido acompanhado de intensa dor emocional (Diolaiuti et. al, 2021).

Diolaiuti et. al (2021) ainda pontuam fatores do contexto pandêmico que se assemelham a sintomas graves de luto pré-perda: a privação da oportunidade de prestar homenagens para os familiares falecidos; preocupação de os deixarem morrer sozinhos, sem receber calor humano das pessoas que amam; sentimentos de desesperança e incerteza em relação a pandemia e em como esta avança; e despreparo para a morte. Juntos, esses fatores dão a sensação compartilhada de percepção de falta de propósito de vida.

Outra variável proposta por Horowitz (1990) apud Diolaiuti et. al (2021) seria o tempo para o processo de luto. O período da pandemia é estressante e de longa duração que envolve sentimentos constantes de incerteza e preocupação relacionados ao risco de contrair o vírus ou às consequências econômicas negativas trazidas pela pandemia. Dessa forma, dada as condições vigentes, a situação pode não dar tempo suficiente para a pessoa processar o luto.

Perante o conflitante cenário pandêmico, Cardoso et. al (2021) pontuam que características menos relacionadas ao luto complicado e a menores níveis de estresse seriam encontrar um propósito ou atribuir um significado para a morte que ocorreu de forma repentina, podendo trazer sensação de alívio na experiência da situação para os que ficam. Além de apontarem tal fator protetivo, os autores também abordam a importância de estimular as práticas de autocuidado, atitudes empáticas e apoio psicossocial voltados para a busca de significado para a perda sofrida.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, a partir da análise da literatura selecionada, entende-se que o processo de luto de familiares que perderam um ente para a COVID-19 pode ser afetado negativamente devido a uma gama de fatores advindos do contexto pandêmico, e não somente pela supressão dos rituais de despedida. Ainda não foi possível distinguir quais fatores são mais agravantes em relação ao processo

do luto, mas entende-se que a junção de todos torna possível que alguns familiares enfrentem um luto complicado.

Mesmo assim, como bem pontua Stroebe e Schut (2020), as suposições de consequências negativas em relação a experiência de luto em decorrência da COVID-19 precisam ser feitas com cautela dado o estado atual de conhecimento. Ainda há a necessidade de mais estudos para agregar o corpo de conhecimento sobre o assunto.

Dito isso, é sabido que a maioria das pessoas enlutadas num contexto não pandêmico são resilientes. Portanto, é possível que nem todos os enlutados sofram consequências negativas e/ou duradouras, mas consigam elaborar o luto e se adaptar às transformações advindas da perda. Por outro lado, outras pessoas ficarão presas em sua dor, experienciando o luto complicado, e irão precisar de intervenção (Stroebe e Schut, 2020; Crepaldi et. al, 2020).

O presente estudo buscou contribuir para o conhecimento a respeito de como o processo de luto de familiares foi afetado pela limitação dos rituais de despedida no contexto pandêmico, visando a possibilidade de colaboração para pesquisas futuras sobre intervenção na saúde mental do vasto público enlutado decorrente das 686 mil mortes por Covid – até o momento em que o estudo foi realizado, visto que ainda está em falta materiais científicos que discutem possíveis estratégias para auxiliar os familiares que perderam alguém para a doença.

Neste contexto, é válido apontar a necessidade de acompanhamento contínuo e cuidado para os parentes do falecido, com atuação mais diretiva de profissionais da psicologia e outros profissionais da saúde para auxiliar no processo de luto destes. Assim como a compreensão de diversas áreas da sociedade, uma vez que a pandemia é um estado que afeta a vida dos indivíduos sociais em vários níveis.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE, S., TEIXEIRA, A. M., ROCHA, J. C. COVID-19 and Disenfranchised Grief. **Front. Psychiatry**, Sec. Public Mental Health. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.638874>>. Acesso em: 4 set. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5. 5ª ed. Porto Alegre, Artmed: 2014.

APPEL, C. Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/coronavirus-priva-familias-de-importantes-rituais-do-luto.shtml>>. Acesso em: 6 ago. 2022.

ÀRIES, P. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Ed. Especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BASSO, L. A., WAINER, R. (2011). Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Rev. bras. ter. cogn.** vol.7 no.1 Rio de Janeiro jun. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872011000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007)>. Acesso em: 28 jul. 2022

CARDOSO, E. A. O., SILVA, B. C. A., SANTOS, J. A., ACCORONI, A. L., SANTOS, M. A. Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados. **Ver. Lat. Am. Enfermagem**; 28: e3361, 2020. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7478881>>. Acesso em: out. 2021.

CREPALDI, M. A., SCHIMIDT, B., NOAL, D. S., BOLZE, S. D. A., GABARRA, L. M. (2020). Terminalidade, Morte e Luto na Pandemia de COVID-19: Demandas Psicológicas Emergentes e Implicações Práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 37, e200090. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/>>. Acesso em: 21 ago. 2022.

DIOLAIUTI, F. et. al. Impact and consequences of COVID-19 pandemic on complicated grief and persistent complex bereavement disorder. **Psychiatry Research**, v. 300, June 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113916>>. Acesso em: 18 set. 2022.

ESTRELA, F. M. et. al. Enfrentamento do luto por perda familiar pela covid-19: estratégias de curto e longo prazo. **Persona Y Bioética**, 25(1), e2513, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5294/pebi.2021.25.1.3>>. Acesso em: 4 set. 2022.

FRANQUEIRA, A. M. R. (2019). Entre o público e o privado: rituais no processo de luto parental. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 26. n. 51, jan. / jun. 2019, p. 59-72. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/22989/14475>>. Acesso em: 21 ago. 2022

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%c3%bade-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>> Acesso em: out. 2021.

G1. **Brasil registra 15 mortes por Covid; média móvel segue em alta.** 9 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/10/09/brasil-registra-15-mortes-por-covid-media-movel-segue-em-alta.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2022.

GENNEP, A. V. **Os Ritos de Passagem:** estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. 3ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GESI, C. et. al. Complicated Grief: What to Expect After the Coronavirus Pandemic. **Front. Psychiatry**, Sec. Psychopathology, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00489>>. Acesso em: 4 set. 2022.

GIAMATTEY, M. E. P. et al. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. 2020. **Escola Anna Nery [online]**. 2022, v. 26, n. spe. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>>. Acesso em: 4 set. 2022.

HERNÁNDEZ-FERNÁNDEZ, C., MENESES-FALCÓN C. I can't believe they are dead. Death and mourning in the absence of goodbyes during the COVID-19 pandemic. **Health Soc Care Community**. 2022 Jul;30(4):e1220-e1232. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34363273/>>. Acesso em: 4 set. 2022.

KÓVACS, M. J., VAICIUNAS, N., ALVES, E. G. R. (2014). Profissionais do Serviço Funerário e a questão da morte. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2014, 34(4), 940-954. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/bxQ9gB56ZP9hjk5TfqLKQhb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5 maio 2022

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer:** o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e a seus próprios parentes. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MENEZES, R. A., GOMES, E. C. "Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2011, V. 54 Nº 1. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585/41443>>. Acesso em: 5 maio 2022

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus - COVID-19.** Brasília, 2020. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>>. Acesso em: out. 2021.

NASCIMENTO, A. R., SILVA, B. K. B., ABRAHÃO, B. A. R., SWERTS, L. S., GOMES, L. E. S., ALVES, M. T. L., SILVA, N. L. R. (2020). Rituais de Despedida no Contexto da Pandemia da Covid-19. **Cadernos ESP**. Ceará–Edição Especial. 2020, JAN. JUN.; 14(1): 80–85. Disponível em: <<https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/384>>. Acesso em: 21 ago. 2022

OLIVEIRA, E. N., NETO, F. R. G. X., MOREIRA, R. M. M., LIMA, G. F., SANTOS, F.D., FREIRE, M. A., VIANA, L. S., & CAMPOS, M.P. (2020). “Aquele adeus, não pude dar”: luto e sofrimento em tempos de Covid-19. **Enferm. Foco** 2020; 11 (Esp. 2), p. 55-61. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4203/984>>. Acesso em: maio 2022

PAULA, B. C., DALBELLO, V. C. S. Luto por mortes repentinas, no contexto da Covid-19. 2021. **Anais do VI Seminário de Produção Científica do curso de Psicologia da Unevangélica**. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/18677>>. Acesso em: 25 set. 2022.

PAULO, P. P. Enterros noturnos, vans escolares levando corpos, cemitério lotado: como o aumento de mortes por Covid impactou o Serviço Funerário em SP. **G1**, São Paulo, 1 abr. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/01/enterros-noturnos-vans-escolares-levando-corpos-cemiterio-lotado-como-o-aumento-de-mortes-por-covid-impactou-o-servico-funerario-em-sp.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2022.

RAMOS, V. A. B. (2016). O Processo de Luto. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. Disponível em: <[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?o-processo-de-luto&codigo=A1021](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?o-processo-de-luto&codigo=A1021)>. Acesso em: 31 jul. 2022

RANGÉ, Bernard. et. al. **Psicoterapias Cognitivo Comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SANTIAGO, T. BITAR, R. **Covas aumenta capacidade de enterros em SP e concentra logística de coronavírus no maior cemitério da América Latina**. G1 SP, São Paulo, 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/23/covas-aumenta-capacidade-de-enterros-em-sp-e-concentra-logistica-de-coronavirus-no-maior-cemiterio-da-america-latina.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SANTOS, R. C. S., YAMAMOTO, Y. M., CUSTÓDIO, L. M. G. (2017). Aspectos Teóricos sobre o Processo de Luto e a Vivência do Luto Antecipatório. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. Disponível em: <[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?aspectos-teoricos-sobre-o](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?aspectos-teoricos-sobre-o)>

processo-de-luto-e-a-vivencia-do-luto-antecipatorio&codigo=A1161>. Acesso em: 31 jul. 2022

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. **Fundação Oswaldo Cruz**, 28 jul 2021. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa.>> Acesso em: 21 ago. 2022.

SOUZA, C.P., SOUZA, A.M. (2019). Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, 2019, v. 35. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg>>. Acesso em: out. 2021.

STROEBE, M., SCHUT, H. 'Bereavement in Times of COVID-19: A Review and Theoretical Framework', **OMEGA - Journal of Death and Dying**, 82(3), pp. 500–522, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0030222820966928>>. Acesso em: 4 set. 2022.

STROEBE, M., SCHUT, H. (2016). Overload: a Missing Link in the Dual Process Model? **OMEGA—Journal of Death and Dying** 2016, Vol. 74(1) 96–109. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0030222816666540>>. Acesso em: 31 jul. 2022

TV GLOBO, G1 SÃO PAULO. **Famílias se aglomeram à espera de caixões de parentes vítimas da Covid-19 no Cemitério Vila Formosa em SP.** São Paulo, 21 mar. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/21/cemiterio-vila-formosa-tem-aglomeracao-neste-domingo.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2022.

WEIR, K. Grief and COVID-19: saying goodbye in the age of physical distancing. **American Psychological Association**, 2020. Disponível em: <<https://www.apa.org/topics/covid-19/grief-distance>>. Acesso em: out. 2021.

WORDEN, J. W. **Terapia do luto e na perda: um manual para profissionais da saúde mental.** 4ª ed. São Paulo: Roca, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020.** Geneve. Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: out. 2021.